

# Cinco Crianças e um segredo





Edith Nesbit

# Cinco Crianças e um segredo



Principis



*Para John Bland*

*Meu Cordeirinho, você é tão pequenino,  
Ainda nem sabe como ler um livro.  
Mesmo assim, um volume nunca resiste  
À urgência de suas mãozinhas em riste.  
Então, embora este livro seja para você,  
A mamãe vai guardá-lo na estante  
Até que você enfim aprenda a ler.  
E esse dia, eu sei, chegará num instante!*

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Titulo original <i>Five children and it</i>	Produção editorial Ciranda Cultural
Texto Edith Nesbit	Ilustração de capa Fabiana Salomão
Tradução Carla Bitelli	Projeto gráfico Casa de Ideias
Editora Michele de Souza Barbosa	Imagens Apostrophe/Shutterstock.com; Flower design sketch gallery/Shutterstock.com;
Revisão Casa de Ideias Mauro de Barros	Apostrophe/Shutterstock.com; Yurchenko Yulia/Shutterstock.com; Pavlo S/Shutterstock.com

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

N458	Nesbit, Edith
	Cinco crianças e um segredo / Edith Nesbit; traduzido por Carla Bitelli. - Jandira, SP : Principis, 2021. 176 p. : il.; 15,50cm x 22,60cm. (Clássicos da literatura mundial).
	Título original: Five children and it ISBN: 978-65-5552-641-7
	1. Literatura infantil. 2. Aventura. 3. Família. 4. Irmãos. 5. Segredo. I. Bitelli, Carla. II. Título.
2021-0152	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantil 82-93

1ª edição revista em 2021  
[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# Sumário

Tão belos quanto o dia.....	9
Guinéus de ouro.....	29
Todos querem o bebê.....	47
Asas .....	67
Sem asas .....	85
Um castelo e nada de almoço .....	95
Um cerco e quatro camas .....	107
Maior que o filho do padeiro .....	119
Adulto .....	137
Escalpos .....	149
O último desejo .....	163





## TÃO BELOS QUANTO O DIA

A casa ficava a quase cinco quilômetros da estação, porém, antes mesmo que o empoeirado veículo alugado estivesse chacoalhando por cinco minutos, as crianças já começaram a colocar a cabeça para fora da janela da carruagem, dizendo:

– Está chegando?

E toda vez que passavam por uma casa, o que não ocorria com tanta frequência assim, perguntavam:

– Ah, é *esta* aqui?

Mas nunca era. Ao menos até antes de alcançarem o topo da colina, logo depois da pedreira de calcário e antes de chegar à mina. Então, viram uma casa branca com um jardim verde e um pomar mais atrás, e a mãe falou:

– Chegamos!

– Como a casa é branca – disse Robert.

– Vejam só as rosas – observou Anthea.

– E as ameixas – comentou Jane.

– Parece boa – admitiu Cyril.

O bebê disse:

– Quéio passíá.

E a carruagem parou com um último chacoalhão e solavanco.

Todo mundo teve suas pernas chutadas ou seus pés pisoteados na bagunça para sair da carruagem naquele minuto, mas ninguém pareceu se importar. A mãe, curiosamente, não estava com pressa para sair; e, mesmo descendo devagar, apoiando-se no degrau e sem saltar, pareceu desejar supervisionar o transporte das caixas para

## Edith Nesbit

dentro, e até mesmo pagar o cocheiro, em vez de se juntar àquela primeira corrida gloriosa em volta do jardim, do pomar e da natureza espinhosa – cheia de cardos, rosas e amoras-pretas – depois do portão quebrado e da fonte seca na lateral da casa. Porém as crianças foram mais sábias, pelo menos desta vez. Não era realmente uma casa muito bonita; era bem comum. A mãe achou isso um tanto inconveniente e ficou um pouco irritada por não haver prateleiras, por assim dizer, e mal haver um guarda-louça no lugar. O pai costumava dizer que os ornamentos de ferro no telhado e na cumeeira eram um pesadelo para um arquiteto. Mas a casa ficava muito no interior, sem qualquer outra casa à vista, e as crianças estiveram em Londres por dois anos, sem terem ido sequer uma vez à praia, mesmo que fosse por um dia pelo trem de excursão. Por isso a casa branca lhes pareceu um tipo de Palácio Encantado em um Paraíso Terrestre. Pois Londres é como uma prisão para crianças, especialmente se seus parentes não são ricos.

É claro que existem lojas e teatros, entretenimentos e outras coisas, mas, se sua família for um pouco pobre, ninguém vai te levar ao teatro, nem poderá comprar coisas das lojas. E em Londres não há nada daquelas coisas bacanas com as quais as crianças podem brincar sem estragar nada ou sem se machucar – tais como árvores, areia, bosques e água. E quase tudo em Londres tem o formato errado: linhas retas e ruas planas, em vez de serem de todos os tipos de formato estranho, como são as coisas no interior. As árvores são todas diferentes, você sabe, e tenho certeza de que alguém bem enfadonho deve ter te falado que não existem duas folhas de grama exatamente iguais. Mas nas ruas, onde as folhas de grama não crescem, todas as coisas são iguais. É por isso que muitas crianças que vivem em cidades são muito malcriadas. Elas não sabem qual é o problema, nem o sabem seus pais e suas mães, tias, tios, primos, tutores, governantas e babás; mas eu sei. E agora você também sabe. Crianças no interior também são malcriadas às vezes, mas por motivos bem diferentes.

As crianças tinham explorado os jardins e as dependências antes de serem chamadas e limpas para o chá, e viram muito bem que sem

## Cinco Crianças e um segredo

dúvida seriam felizes na casa branca. Foi o que pensaram a princípio, mas quando acharam os fundos da casa cobertos de jasmim, com suas flores brancas e o cheiro de um vidrinho do perfume mais caro que já foi dado como presente de aniversário; quando viram o gramado, verde e macio, muito diferente do gramado marrom nos jardins de Camden Town; quando encontraram o estábulo com um sótão e um feno velho sobrando ali, tiveram quase certeza; e quando Robert encontrara o balanço quebrado, caíra dele e ficara com um galo na cabeça do tamanho de um ovo, e Cyril prendera o dedo na porta de uma gaiola que parecia feita para manter coelhos, se você sabe como é uma, não tiveram mais qualquer dúvida.

A melhor parte era que não havia regras proibindo de ir a lugares ou de fazer coisas. Em Londres, quase tudo estava rotulado com “Proibido tocar” e, embora o rótulo seja invisível, é tão ruim quanto, porque você sabe que ele existe e, se não souber, não demora a ficar sabendo.

A casa branca ficava na beira de uma colina, com um bosque atrás – e a pedreira de calcário de um lado e a mina de outro. No pé da colina havia uma planície, com edificações brancas de formatos estranhos, onde as pessoas queimavam cal, e uma grande cervejaria vermelha e outras casas; e, quando as enormes chaminés estavam fumegando e o Sol se punha, o vale parecia ser tomado por uma névoa dourada, e os fornos de cal e as casas de secagem de lúpulo brilhavam e cintilavam até parecerem uma cidade encantada de *As mil e uma noites*.

Agora que comecei a te descrever o lugar, sinto que poderia continuar e transformar esta em uma história muito interessante sobre todas as coisas comuns que as crianças faziam – bem o tipo de coisa que você faz, sabe –, e você acreditaria em cada palavra minha; e quando eu contasse como as crianças estavam sendo cansativas, suas tias talvez escrevessem com um lápis nas margens do livro “Verdade!” ou “Igualzinho à vida real!”, e você provavelmente ficaria bem irritado quando visse isso. Então eu só vou te contar as coisas surpreendentes que aconteceram, e você poderá deixar o livro por aí sem perigo algum, pois não corre o risco de nenhuma tia nem tio escreverem

“Verdade” no canto da história. Adultos acham bem difícil de acreditar em coisas maravilhosas, a não ser que tenham o que chamam de prova. Mas crianças acreditam em quase qualquer coisa, e adultos sabem disso. É por isso que as pessoas te contam que a Terra é redonda como uma laranja, quando você vê perfeitamente bem que ela é plana e cheia de calombos; e é por isso que as pessoas te dizem que a Terra gira ao redor do Sol, quando você consegue ver em qualquer dia que o Sol se levanta pela manhã e vai para a cama à noite, bonzinho e obediente, e que a Terra sabe o seu lugar e fica quieta igual a um rato. Ainda assim, arrisco a dizer que você acredita em tudo isso da Terra e do Sol, e, nesse caso, acho que vai ser bem fácil para você acreditar que, antes de Anthea e Cyril terem completado uma semana no interior, eles encontraram um duende. Ao menos foi assim que eles chamaram a coisa, porque foi assim que a coisa chamou a si mesma; e é claro que a coisa sabia o que era, embora não fosse nem um pouco parecida com qualquer ser encantado que você já tenha visto ou sobre o qual tenha ouvido falar ou lido a respeito.

Foi nas minas. O pai tinha saído em uma súbita viagem de negócios, e a mãe tinha ido ficar com a vovó, que não estava se sentindo muito bem. Os dois partiram muito apressados, e depois a casa pareceu terrivelmente silenciosa e vazia, e as crianças vaguearam de um quarto a outro e buscaram no chão pedaços de papéis e de barbantes, restos da arrumação das malas que ainda não haviam sido limpos, e desejaram ter algo para fazer. Foi Cyril quem disse:

– Que tal pegarmos as nossas pás para cavoucar nas minas? Podemos fingir que estamos na praia.

– O papai disse que lá foi praia um dia – falou Anthea. – Ele disse que existem conchas que têm milhares de anos.

Eles foram. É claro que já tinham ficado na beirada da mina para olhar, mas não haviam descido dentro dela com receio de o pai dizer que eles não podiam brincar lá; o mesmo aconteceu com a pedreira de calcário. A mina não é realmente perigosa se você, em vez de tentar descer pelas beiradas, for pelo caminho mais lento e seguro pela estrada, como faria se estivesse numa carroça.

## Cinco Crianças e um segredo

Cada uma das crianças levou a própria pá, e elas se revezaram carregando o Cordeirinho. Ele era o bebê, e os irmãos o chamavam assim porque a primeira palavra que ele disse foi “Bé”. As crianças chamavam Anthea de Pantera, o que parece bobo lendo assim, mas ao falar em voz alta o som é bem parecido com o nome dela.

A mina é bem grande e ampla, com grama crescendo no topo das beiradas, além de flores secas silvestres, roxas e amarelas. É como o lavabo de um gigante. E há montes de cascalho e buracos nas laterais da pia, de onde o cascalho foi retirado, e no alto das beiradas íngremes há pequenos buracos que são as portinholas das casinhas das andorinhas-do-barranco.

As crianças fizeram um castelo, é claro, mas construir castelos de areia é uma brincadeira meio sem graça quando não existe a chance de uma onda chegar e encher o fosso e destruir a ponte levadiça e – o que seria a alegria final – molhar todo mundo pelo menos até a cintura.

Cyril queria cavar uma caverna para brincar de se esconder, mas os outros pensaram que talvez acabassem enterrados vivos. Então se decidiu que todas as pás trabalhariam na escavação de um buraco através do castelo até a Austrália. Essas crianças, veja só, acreditavam que o mundo era redondo e que do outro lado meninos e meninas australianos estavam realmente andando de ponta-cabeça, como moscas no teto, com as cabeças penduradas no ar.

As crianças cavaram e cavaram e cavaram, e suas mãos ficaram ásperas, quentes e vermelhas, e seus rostos ficaram suados e brilhantes. O Cordeirinho tinha tentado comer areia e havia chorado tão forte ao descobrir que, ao contrário do que imaginara, não era açúcar mascavo. Então se cansara e agora estava dormindo em um montinho quente e fofo no meio do castelo inacabado. Isso liberou os irmãos e as irmãs para trabalhar duro, e o buraco que daria na Austrália logo ficou tão fundo que Jane, cujo apelido era Gatinha, implorou para que parassem.

– Se o fundo do buraco cedesse de repente – disse ela – e vocês caíssem em meio a pequenos australianos, toda a areia iria entrar nos olhos deles.

## Edith Nesbit

– É verdade – disse Robert. – E eles iriam odiar a gente, jogariam pedras na gente e não nos deixariam ver os cangurus, os gambás, os eucaliptos, os emus, nem nada.

Cyril e Anthea sabiam que a Austrália não era tão perto assim, mas concordaram em parar de usar as pás e seguir cavando com as mãos. Foi bem fácil porque a areia no fundo do buraco era muito macia, fina e seca, como a areia da praia. E havia conchinhas ali.

– Imaginem só que tudo isso já foi mar, com areia molhada e brilhante – disse Jane –, com peixes e enguias, e corais e sereias.

– E mastros de navios e destroços de tesouros espanhóis. Queria poder encontrar um dobrão de ouro ou algo do tipo – disse Cyril.

– Como o mar foi levado embora? – perguntou Robert.

– Não foi com um balde, seu bobo – respondeu o irmão. – O papai disse que a Terra ficou quente demais, como você às vezes fica na cama. Então ela só ergueu o corpo e o mar teve que escorregar, como acontece com as cobertas quando levantamos, e o ombro ficou para fora e se tornou uma terra seca. Vamos procurar conchinhas; acho que tem naquela caverna ali, estou vendo alguma coisa saindo dela, algo parecido com a ponta de uma âncora de um navio naufragado, e está um calor infernal no buraco australiano.

Os outros concordaram, mas Anthea continuou cavando. Ela sempre gostou de terminar o que tivesse começado. Sentia que seria uma pena abandonar o buraco sem ter chegado até a Austrália.

A caverna foi decepcionante, porque não havia conchinhas nela, e a âncora do navio naufragado era, na verdade, a ponta quebrada de uma picareta. O grupo da caverna estava achando que mexer com areia dá mais sede quando não é na praia, e alguém sugeriu de ir para casa tomar limonada, quando Anthea gritou de repente:

– Cyril! Venha aqui! Ah, rápido! Está vivo! Ele vai fugir! Rápido!

Todos correram até ela.

– É um rato, não é de admirar – observou Robert. – O papai diz que eles infestam lugares velhos... e aqui deve ser bem velho se havia um mar milhares de anos atrás.

## Cinco Crianças e um segredo

– Pode ser uma cobra – disse Jane, estremelecendo.

– Vamos olhar – falou Cyril, pulando no buraco. – Eu não tenho medo de cobras. Gosto delas. Se for uma cobra, vou domá-la, e ela vai me seguir para todos os lugares, e eu vou deixá-la dormir enrolada no meu pescoço à noite.

– Não vai, não – disse Robert com firmeza. Ele compartilhava o quarto com Cyril. – Mas, se for um rato, tudo bem.

– Ah, não seja bobo! – disse Anthea. – Não é um rato, é alguma coisa *muito* maior. E não é uma cobra. Ele tem pés, eu vi. E pelos! Não... com a pá, não. Você vai machucá-lo! Cave com as mãos.

– E deixar que *ele me* machuque?! Isso é bem provável, não é? – retrucou Cyril, alcançando uma pá.

– Ah, não! – disse Anthea. – Esquilo, *não*. Eu... parece besteira, mas ele falou alguma coisa. Falou mesmo, de verdade.

– O quê?

– Ele falou: “Você, me deixe em paz”.

Mas Cyril apenas observou que a irmã devia ter perdido um parafuso da cabeça, e ele e Robert cavaram com pás enquanto Anthea esperou sentada na beirada do buraco, dando pulinhos de calor e ansiedade. Eles cavaram com cuidado, e logo todos puderam ver que havia mesmo algo se movendo no fundo do buraco australiano.

Então Anthea gritou:

– *Eu* não tenho medo. Me deixem cavar.

Caiu de joelhos e começou a cavoucar igual a um cachorro que de repente se lembra do lugar onde enterrou seu osso.

– Ah, eu senti algo peludo – gritou ela, meio rindo e meio chorando. – Senti mesmo! Senti!

De repente, uma voz seca e rouca veio da areia e fez todos darem um pulo para trás, e o coração das crianças pulou quase tão rápido quanto elas.

– Me deixem em paz – disse a coisa.

Agora, todos ouviram a voz e olharam uns para os outros para verificar se tinham ouvido também.